

RECIFE E ESPELHOS: MEMÓRIAS DE LEITURAS EM GILBERTO AMADO

Maria Claudia Cavalcante
Mestranda em História – UFCG
cacau_06@yahoo.com.br

Orientadora: Regina Coelli G. Nascimento
reginacoelli2@yahoo.com.br

Gilberto de Lima Azevedo Souza Ferreira Amado de Faria era o primeiro de quatorze filhos de Ana de Lima Azevedo de Sousa Ferreira e Melchisedech de Sousa Amado. Nasceu em Sergipe, em 7 de maio de 1887, e morreu no Rio de Janeiro, em 1969. Nosso primeiro contato com Gilberto Amado foi por meio do livro *Minha Formação no Recife*. Naquela leitura, nos chamou a atenção o fato de aquele autor dizer que não se sentia e não se apercebia ligado à gente e a imagens vivas e sim a textos, sejam eles lidos ou escritos. Disto decorreu a idéia de discutir o período de formação intelectual de Gilberto Amado entre os anos de 1905 e 1909, época em que o autor cursou a Faculdade de Direito na cidade do Recife. Aqui optamos por abordar suas leituras de Filosofia, em especial as de Augusto Comte e Friedrich Nietzsche

Em 1905, Amado foi estudar Direito no Recife. Seu pai, o coronel Melk consegue do governador que a Assembléia Legislativa lhe conceda uma bolsa de estudo para realizar o curso de Direito no Recife (MICELI, 2001, p. 49). Quando chega ao Recife para se matricular na Faculdade de Direito daquele estado, Amado depara-se com o fato que, nas suas palavras, marcara seu espírito pela repercussão psicológica que teve. Pela primeira vez, o autor ao entrar no Hotel de França, para esperar a chuva que caía naquele dia passar, se ver diante de grandes espelhos que o mostram por completo. Até então, o escritor só tinha se visto em espelho pequeno que reproduzia só o rosto, mas desta vez se via por inteiro e como se assustara consigo.

Achei-me pela primeira vez, diante de uma coisa que eu nunca tinha visto: enormes espelhos, descendo ao longo da parede até o soalho, espelhos que só tinham conhecimento pela descrição de romances. No que estava na frente,

meu olhar começou a navegar como um mar siberiano, numa cinza líquida carregada de mistério (...) Recife e espelhos... eis a primeira imagem (...) Eu não tirava os olhos de mim mesmo. Pela primeira vez me via de corpo inteiro. Até então só tinha me olhado em espelho pequeno, de parede ou pequeníssimo, de bolso, reproduzindo só rosto, gravata, pescoço. Jamais assim... todo paletó, calças, sapatos. Tive um choque. Aí que tomei conhecimento da minha fealdade. Experimentei uma espécie de recuo diante de mim próprio. Eu era 'aquilo'? Mentiria se especificasse impressões ou nuances de sentimento. Do que recordo é do estremeção recebido. Êsse choque iria repetir-se a vida toda. Era ver-me em espelho, grande, de frente, e sobretudo de perfil, era ser abalado por uma sensação brusca, quase diria de susto, diante de mim mesmo, ao me ver tal qual 'a natureza em mim próprio me resolvia'. (...). Sensação de mal-estar, quase diria de inimizade com o meu físico. A cabeça, grossa e pesada, se me enterrava nos ombros, formando com o torço empinado em ângulo agudo. A queixada aproava num arremesso antipático. (...). Por isso não gosto de me olhar em espelho tenho medo de me indispor comigo mesmo (AMADO, 1958a, p. 4-7).

Amado tinha indisposição com seu corpo. A indisposição com seu físico fez com que o autor transferisse o motivo de sua satisfação para estudos. Ver-se no espelho por completo lhe causava susto. A forma como a “natureza o revolvía” lhe causava mal-estar, por isto ele recorre à escrita memorialista para maquiagem aquele corpo e vesti-lo com novas vestimentas. Vestimentas que ajudem na sua confecção e identificação enquanto um intelectual, dotado de razão, disciplina mental e corporal.

Para Artières (1997), “arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência” (ARTIÈRES, 1997, p. 01). Os espelhos para Amado parecem só ter efeitos positivos no âmbito de sua narrativa sobre sua prática intelectual. De volta ao Recife, para dar a sua primeira aula como professor substituto, Amado se deleita ao narrar sua experiência. Dessa vez, se vê numa espécie de espelho íntimo que lhe causa alegria, tendo em vista o sucesso da sua explanação. Nada era mais excitante para Amado do que o divertimento interior em que se servia de espelho para si mesmo, “vendo o que se passa dentro de nós como espectadores da nossa própria operação intelectual” (AMADO, 1956, p. 156).

Em Amado, a imagem que deveria ser tida como exemplo de vida e parte de sua identidade era a do menino que saíra de uma pequena cidade do Norte e venceu na vida, não precisando para isso negar suas raízes e cultivando a paixão pelos estudos e leituras. Leituras que têm no saber filosófico do século XIX o principal fascínio do autor que impulsionado pela busca da verdade parece encontrá-la naquelas filosofias.

O destaque que é dado à sua formação, sempre a enfatizando como um exemplo a ser seguido, um ângulo que ele tinha orgulho de expor em frente ao espelho relaciona-

se ao fato de que, desde a década de 20, no Brasil, se experienciava certa desvalorização do título de bacharel, o qual começa a sofrer a concorrência das demais profissões liberais que passam a ganhar importância no cenário social da época. Emergem, então, uma geração de especialistas (cientistas sociais, educadores, psicólogos, economistas etc). Os estudos sociais que, antes, era da alçada dos juristas passam a se ramificar por entre aqueles profissionais (MICELI, 1979, p. 40).

Intelectuais que, como Amado, estudaram Direito como uma possibilidade de seguir a carreira política sentiram, desde a década de 20, o peso da concorrência da geração de especialistas que começam a ganhar importância no cenário profissional brasileiro. Já na década de 30, o título de bacharel deixara de ser o símbolo do apreço social como fora para os antigos proprietários de terra, bem como um passaporte para os aspirantes ao exercício político. Os contingentes de bacharéis que passaram a se sentir pressionados pela concorrência começaram a considerar o diploma como uma prerrogativa com a qual se podia esperar vantagens estritamente profissionais e não mais como uma condição de distinção social e meio de se angariar um cargo político, como é o caso de Amado (MICELI, 1979, p. 41).

O destaque que Amado dá a sua formação intelectual também pode ser encarada como uma resposta a esse processo de desclassificação social que o bacharel em Direito passa a sentir a partir da década de 20 e que só passa a se agravar como o decorrer do tempo. Vejamos como o autor constrói aquela formação.

Primeiros encontros com a Filosofia: Amado entre Augusto Comte e Friedrich Nietzsche

Em Recife, com poucos recursos, Amado é obrigado a viver numa pensão, onde ele diz não suportar o barulho, o furdunço, a cabrocha de seios frouxos, arrastando os pés descalços, moscas, tantas e tão pegadiças. O quarto que dava para o pátio onde se amontoava o lixo que chegava a fermentar, causando engulhos e freqüentes vontades de vomitar. Tudo isso tornava a permanência em casa quase um suplício. Buscando refúgio daquele ambiente que figura como repugnante na narrativa de Amado. Por estes motivos, o sergipano passava horas e horas na Livraria Nogueira (AMADO, 1958, p. 9).

Segundo Paulo César Garcez Martins (1998), a dinâmica de capitais republicanas – que como o Recife abrigava uma grande quantidade de ex-escravos e um considerável contingente de imigrantes nos primeiros anos da República – foi marcada por duas características centrais: o tumulto e a desordem. Surgia, neste momento, a massa de cidadãos que representava o entrave para as elites, as quais almejavam implementar a higienização e disciplinarização dos espaços daquelas cidades. Junto com esta massa de cidadãos excluídos emergiam também suas moradas: as casas térreas, de estalagens e cortiços. A superpopulação e as más condições de moradia facilitavam o aparecimento de surtos de cólera-morbo, febre amarela, varíola, malária e tuberculose, ambiente que figura na narrativa de Amado como algo repugnante à sua sensibilidade de intelectual.

Sendo assim, em vez do ambiente insalubre da pousada onde passa seus primeiros dias de estudante em Recife, Amado destaca em suas memórias a preferência pela Livraria Nogueira, local por excelência da ordem dos livros, local do cultivo do conhecimento e, portanto, da intelectualidade.

O que fica nas memórias de Amado em seus primeiros anos de estudante no Recife é, justamente, a dicotomia que separa a ordem da desordem. O mundo da ordem representado pela livraria Nogueira e a desordem simbolizada pela pensão que Amado não suporta por suas más condições sanitárias e os tipos que por ali circulavam. O fato de Amado remeter a estas lembranças, localizando sua preferência ao lugar da ordem, demarca, mais uma vez, a necessidade deste autor em se qualificar como um corpo intelectualizado que como tal também é um corpo higienizado que não suporta o barulho, o furdunço, a cabrocha de seios frouxos, o pátio sujo. A este ambiente insalubre, Amado diz preferir a biblioteca, local onde os livros estão disponibilizados em ordem prontos para serem devorados por aquele estudante que se dizia faminto por filosofia.

Na livraria Nogueira, Amado começara a ter seus primeiros contatos com as leituras de Sílvio Romero, Augusto Comte, Spencer, Tobias Barreto, dentre tantos outros. Começara Amado a sua formação no Recife, a qual deixaria fortes marcas em suas memórias. Em suas leituras, interessava ao jovem Amado, quando na sua chegada ao Recife, em 1905, os estudos de filosofia e das teorias científicas que se intensificaram na Europa do século XIX:

eu quis nas minhas leituras, formar idéias sôbre os problemas, sôbre os fundamentos, como se constituíra o universo, o que era o homem, de onde via e para onde ia, o que era matéria ou espírito. Tinha procurado informar-me sôbre o que os gregos haviam pensado, o que a Idade Média admitira, o que o século XVIII compendiará, em que posição o nosso século estava às questões essenciais (AMADO, 1958, p. 33).

“Questões essenciais”. Eis o que permeia os interesses de Amado ao debruçar-se em suas leituras. Nada mal para um calouro em Direito do início do século XX, no Brasil. Afinal, quando jovem Amado viveu os primeiros anos da República, época em que os ideais positivistas de procura por uma verdade vigoram como principais meios de se construir uma identidade para a nação que tenta se emancipar de tudo que era considerado velho, isto é, as marcas da Colônia e do Império e abrir-se aos ideais estrangeiros, principalmente os franceses: as idéias, as modas, os comportamentos etc.

No entanto, enquanto autores como Alceu Amoroso Lima (*apud*, MICELI, 1979, p. 56), contemporâneo de juventude de Amado (AMADO, 1960, p. 199), destaca em suas memórias o declínio do “intelectualismo puro” a que Amado teve acesso em sua formação no Recife, Gilberto persegue sua empreitada de se constituir como um homem formado sob os auspícios da razão. Para Lima, a experiência da Primeira Guerra levou os intelectuais de sua época a rever as idéias de tudo aquilo que passou a representar o que se chamou de *belle époque*.

A chamada campanha civilista ficou marcada em nosso espírito. Mas a derrota que a ela se seguiu, com a vitória do militarismo realista daquele tempo, deixou-nos profundamente decepcionados (...). O ceticismo filosófico, aliado a decepção política provocada pela derrota do civilismo, fazia-nos crer que nada existia que merecesse o nosso sacrifício, o nosso interesse (...) Não havia nada por que lutar (*apud* MICELI, 1979, p. 56).

De acordo com Albuquerque Jr. (2001), a guerra trouxe como principal conseqüência a redistribuição mundial do poder com a ascensão dos Estados Unidos e a reorganização do mapa europeu. No Brasil, a guerra contribuiu para o declínio da sensibilidade da *belle époque* e sua constante perseguição dos ideais de progresso e civilidade, tão destacados por Amado em seus livros de memórias como sendo algo inerente a sua natureza.

O silêncio das memórias de Amado em torno do impacto que a Primeira Grande Guerra Mundial exerceu nas subjetividades e nos posicionamentos de intelectuais que, como Amado, foram formados pela filosofia do século XIX, indica a tentativa do autor em afirmar que os ideais de civilidade que fizeram parte de sua formação não se

perderam no tempo. A narrativa de Amado gira em torno, justamente, desta tentativa de perenizar os fatos que dão sentido e uma visibilidade àquele autor no momento de escrita de suas memórias. Nesta empreitada, a necessidade de se afirmar como um homem de razão se sobrepõe até mesmo aos acontecimentos de grande escala como foi a Primeira Grande Guerra que colocava o homem frente à face destrutiva dos ideais filosóficos do século XIX, a qual propalava a crença no progresso humano como condição necessária à conquista da perfeição da humanidade.

O investimento de Amado de se construir como um intelectual formado pelos ditames da razão perante os relatos de sua formação que destacam o quanto aquele homem era culto, civilizado e racional é, para Amado, muito mais importante do que eventos como a Primeira Grande Guerra, posto que tal acontecimento colocava em cheque todas as certezas que davam chão para aquele homem. O silêncio em torno do impacto da Primeira Guerra é também uma forma daquele sergipano dizer que os ideais de crença no progresso das civilizações que fizeram parte de sua formação não haviam morrido e que, portanto, sua trajetória como intelectual não poderia cair no esquecimento.

E é, neste intento, que Amado destaca em suas memórias a sua busca pelas “questões essenciais” em seus métodos de estudos, refugiando-se nas fontes em si, ou seja, nos próprios autores. Procura esta, insatisfeita na leitura de Sívio Romero, mas encontrada em Augusto Comte, mesmo que esse leitor chegue a rejeitar alguns pressupostos do fundador da Sociologia.

Saí dessa literatura com dois Augustos Comtes na alma – o criador da religião da humanidade, idólatra da mulher, e dos aforismos que se tornaram famosos na propaganda do apostolado da Igreja da Rua Benjamim Constant (este não me interessou) e o outro, o formulador da Lei dos Três Estados, da classificação das Ciências, o criador da sociologia, o crítico do materialismo e do ateísmo, o apologista da Idade Média e do catolicismo (AMADO, 1958, p. 37)

Segundo o autor, a presença de Comte é latente em sua formação. O que interessava àquele jovem leitor era o Augusto Comte responsável pela elevação da Sociologia enquanto ciência. O Comte que elevou a Sociologia à categoria de física social, a ciência que tem por objeto próprio o estudo dos fenômenos sociais, tais quais os fenômenos astronômicos, físicos, químicos e fisiológicos. Não interessava a Amado o Comte idólatra da mulher. O Comte que, depois de seu relacionamento Clotilde de Vaux, vê a mulher como ser tutelar do homem (KEIDE; VILELA, 2004).

Interessa a Amado o Comte que postula que os fenômenos sociais são tratados como leis invariáveis, cuja descoberta é o objetivo de suas pesquisas. Os resultados destas pesquisas tornam-se o ponto de partida positivo do trabalho dos homens de estado, cabendo a estes descobrir formas as práticas correspondentes a estes dados fundamentais a fim de evitar as crises, mais ou menos graves que um movimento espontâneo determina quando não foi previsto (MARTINS, 2006, p. 30). Em seu curso de filosofia positiva, Comte declara:

Emprego a palavra filosofia (...) no sentido que lhe dava os antigos especialmente Aristóteles, para designar o sistema geral das concepções humanas. Acrescento a denominação positiva para especificar o modo especial de filosofar que consiste em reunir teorias em qualquer gênero de idéias, tendo por objeto a coordenação dos fatos observados o que constitui o terceiro e último estágio da filosofia geral, a princípio teológica, em seguida metafísica (*apud* SOARES, 1998, p. 43)

A concepção filosófica de Comte constrói um todo harmonioso que tem seu fundamento na Lei dos Três Estados que, segundo Stuart Mill, constitui a espinha dorsal do positivismo comtiano. De acordo com a Lei dos Três Estados, cada ramo de nossos conhecimentos passa por três fases diferentes: o estágio teológico ou fictício; o estágio metafísico ou abstrato e o estágio científico ou positivo. Nos dois primeiros estágios, o apelo ao sobrenatural vigora como fonte de conhecimento do homem e do mundo, já o estado positivo, segundo Comte, viria a coroar o progresso científico no trato dos fatos sociais como leis invariáveis, cuja relação de causa e efeito seria crucial ao entendimento das relações sociais (SOARES, 1998, p. 44).

A Sociologia enquanto ciência estudaria os fatos sociais sob o ponto de vista estático (da ordem) e dinâmico (o progresso). O progresso, para Comte, não estava apenas relacionado à progressiva aquisição de bens materiais, mas, fundamentalmente, ao bom andamento das seguintes estâncias: família, capital, linguagem, governo e sacerdócio (SOARES, 1998, p. 57).

A sociologia comtiana caminha então para a compreensão do indivíduo em plena coerência com o que ele entende como fatos sociais. Tudo parece obedecer a um plano social, cujo progresso científico coroa um triunfo da razão humana. A sociologia de Comte sugere, naqueles anos iniciais da República no Brasil, as certezas que pareciam descompassadas com as rupturas dos períodos colonial e imperial. E parecia também oferecer as certezas ao jovem Amado que começara a se construir como intelectual. Segundo Albuquerque Jr. (2005), o saber sociológico nasce, justamente, dessa busca por

um conhecimento racional e totalizante da sociedade moderna. Os chamados precursores da sociologia partem da necessidade de se buscar um especialista da realidade social, no intuito de produzir sínteses interpretativas a partir da análise empírica dos fatos. Sendo assim, o jovem de Itaporanga parecia se transformar em um “homem esclarecido” frente à pacata realidade de sua terra natal.

Antes de partir, minha atitude em relação ao sobrenatural era de toda gente em Sergipe; à minha volta era de Augusto Comte. As palavras razão, conhecimento, livre arbítrio, determinismo precisaram-se na minha compreensão. Fiquei sabendo como o século XIX que acabara de morrer, interpretava o que Spinoza chamava substância. Descartes mecanismo, Leibniz mônada, Kant a coisa em si, e o que esse século deparava na palavra de Deus a Moisés – Ego sum qui sum (AMADO, 1958, p. 48).

A forma como Amado narra suas primeiras leituras filosóficas dá a entender que o autor é deflorado pelo mundo científico que encontrava naqueles textos, os quais marcariam profundamente sua subjetividade tanto enquanto homem, como enquanto político, como veremos no próximo capítulo. O positivismo de Comte parece oferecer as certezas que Amado precisa para se qualificar enquanto um homem racional e disciplinado. A perseguição pela verdade propalada pelo positivismo é também uma procura de uma verdade de si por meio de seus escritos. Após a leitura de Comte, Descartes, Kant, dentre outros, grande impacto parece causar, num primeiro momento, as leituras de Nietzsche.

(...) considero indispensável frisar antes de tudo o papel estimulante que um jovem como eu, que começava a enveredar pelos caminhos do conhecimento, Nietzsche exerceu. Nenhum tônico mais vivificante do espírito, mais multiplicador de forças. Droga poderosa que aguça a vista faz ouvir mais, quebra os limites da vida neutra e nos transporta a um plano que o impossível se torna possível. Substância mágica que abre ao espírito auroras imprevisíveis e estende entre as coisas claridades inesperadas. Com o mundo interroga de novo (AMADO, 1958, p. 113).

No entanto, mais à frente o autor comenta: “Por me ter forrado de positivismo é que acaso escapei à ‘crise’ a que outros contemporâneos não puderam escapar” (AMADO, 1958a, p. 113). Parece que o positivismo de Augusto Comte oferece a Amado as “certezas” que não lhe permitem a desterritorialização que a filosofia nietzschiana incita. Daí também a recusa de Amado a muitas das idéias de Nietzsche: a hipótese do Super-Homem, pela “Eterna Volta”, pelo anticristianismo, pela “moral dos senhores” oposta à “moral dos escravos” e pelas doutrinas raciais. Idéia que o autor teve

acesso nas leituras de “*Aurora, de Humano, Humano Demais e das Considerações Inatuais, da Gaia Ciência, de Zarathustra.*” (AMADO, 1958, p.110).

É de se imaginar a recusa de Amado em relação a alguns pontos fundamentais da filosofia de Nietzsche. A hipótese do Super-Homem, o Eterno Retorno, a moral dos senhores e dos escravos são suposições que se encontram entrelaçadas na filosofia nietzschiana. Elas indicam a proposta de Nietzsche de luta contra qualquer possibilidade de conhecimento construído em bases metafísicas (DELEUZE, 1976, p. 90).

Segundo Gilles Deleuze (1976), tanto o cristianismo quanto a filosofia e a ciência moderna são fundados a partir de uma interpretação niilista da vida. Ambos são fundamentados ou na presença de um Deus que pune ou no modelo de homem ocidental que também pune, fazendo de seus seguidores uma leva de ressentidos, de escravos. Isso tudo caracterizaria uma negação da vida em tudo que há nela de humano, demasiadamente humano. Aqueles que agem na negação dos valores empreendidos tanto pelo cristianismo quanto pela filosofia e ciência moderna e aceitam a vida em tudo que nela existe de acaso e de força ativa são os senhores. Eles conseguem se livrar do ressentimento e constroem outras versões de si. Eles, na possibilidade de uma volta ao mundo, assim como sugere o eterno retorno, aceitariam viver tudo outra vez (DELEUZE, 1976, p. 90).

Poderíamos, então, nos questionar o porquê da recusa de Amado a certos pontos focais da filosofia nietzschiana. Amado como homem formado em bases positivistas recusa-se a sair do prumo que a sociologia de Comte e toda a metafísica do século XIX lhe concediam. Para ele, o importante não era, como na filosofia de Nietzsche, perguntar quem diz algo e porque o pronuncia sob o estatuto de verdade. E sim: o que é tal coisa, o que é a verdade essencial das coisas, o que eu sou? A leitura de Nietzsche vai, exatamente, à contramão da intenção de Amado em construir e sedimentar uma verdade para si. Verdade esta balizada pelos ditames da razão que permeia a sua construção enquanto intelectual. Era em busca de questões essenciais que Amado se voltou para a filosofia do século XIX. E é em busca de questões essenciais que Amado escreve suas memórias, sempre demarcando aquilo que ele gostaria de ser em oposição daquele outro que ele repudia, mas guarda traços deste em si.

O fato de Amado destacar as leituras de Augusto Comte e Friedrich Nietzsche, em detrimento de outros autores que participaram da sua formação, também faz parte da forma como Amado apropria-se da relação de alteridade existente nas filosofias de Comte e Nietzsche para demarcar seu lugar enquanto intelectual formado nas bases da

noção de razão metafísica, da qual o autor não quer se desapegar. Por meio da comparação daquelas filosofias que caminham em rumos opostos, partindo de perguntas diferentes, o autor deixa claro à sua preferência àquilo que para ele e sua geração parecia conferir maiores certezas. Em detrimento da pergunta: “como determinadas coisas ganharam o estatuto de verdade?”, pergunta incitada pela filosofia nietzschiana, Amado prefere saber o que são determinadas coisas, quais são as verdades dos fatos. Perguntas que participaram de suas concepções de História, Literatura e de sua escrita de si.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 2. ed – Recife: FJN, Ed. Massangana, São Paulo: Cortez, 2001, 340 p.

_____. **De amadores a desapaixonados**: Eruditos e Intelectuais como Distintas Figuras do Conhecimento no Ocidente Contemporâneo. Trajetos, Fortaleza/CE, v. 03, n. 06, 2005, p. 43-66.

AMADO, Gilberto. **Minha Formação no Recife**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

_____. **Depois da Política**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a própria vida**. FGV, novembro de 1997, p. 01-30.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e Filosofia**. Trad. Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

JÁCO-VILELA; KEIDE, Ricardo. “**Mens in corpore**”: o positivismo e o discurso psicológico no século XIX no Brasil. In: *Mnemosine*. Vol. 1, nº 0, 2004, p. 165-178.

MARTINS, Carlos Benedito. **O que é sociologia?** São Paulo: Brasiliense, 2006, 98p.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo, Rio de Janeiro, Difel, 1979, , 210 p.

_____, Poder, sexo e letras na República Velha; Biografia e cooptação (o estado atual das fontes para a história social e política das elites no Brasil); Intelectuais Brasileiros. In: **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 13-68; p. 345-356; p. 369- 396.

SOARES, Mozart Linhares. **O Positivismo no Brasil**: 200 anos de Augusto Comte.
Porto Alegre: AGE, 1998.